



ARTE INDÍGENA
ESCULTURAS E DESENHOS

Clipping

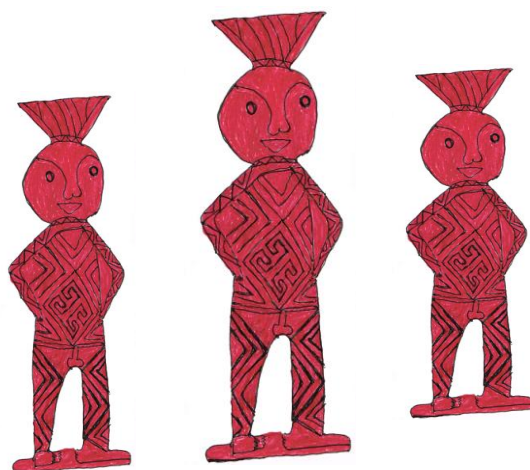
ABRIL NO ACRE INDÍGENA

6ª edição



Índice

Release	03
Convite	04
Ficha Técnica	05
Conceito	06
Artigos	07
As Tintas Naturais do Povo Asheninka	
A Importância das Pinturas Manxineru	
A Culinária Shawãdawa	
A Arte dos Kene das Mulheres Huni Kuĩ	
Seminário	12
Fotografias	13



Release

A Comissão Pró-Índio do Acre em parceria com a Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre e Organização dos Professores Indígenas do Acre realiza o **Abril no Acre Indígena - 6ª Edição**. A exposição inicia dia 28 de abril às 18 horas, na Biblioteca da Floresta, com encerramento previsto para o dia 29 de junho.

Desde uma 2009 um circuito de atividades tem sido fomentado com a intenção de discutir pautas políticas, dar visibilidade as realizações artísticas indígenas, além de propiciar diálogos interculturais acerca do cotidiano, dos direitos e da arte, se utilizando do viés cultural e socioambiental.

Em 2015, a programação trará artigos de mulheres indígenas e de outros autores, nos domingos de abril e maio na coluna Papo de Índio, do Jornal Página 20. Também será realizada exposição com desenhos e esculturas indígenas produzidas reaproveitando madeiras desvitalizadas em experiências ecológica e artística na formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas, que dão materialidade a suas mitologias.

Acontecerá ainda, o lançamento do livro e vídeos Manual das Crianças Huni Kuĩ do projeto Tecendo Saberes, realizado pelo Instituto Catitu e a Associação do Povo Indígena do Rio Humaitá, no dia 29 de abril às 16 horas, também na Biblioteca da Floresta.

Esse contexto favorece as mudanças de paradigmas acerca dos povos indígenas, pois acreditamos na força da linguagem artística para transcender as barreiras culturais.



Convite



A Comissão Pró-Índio do Acre
em parceria com a
**Associação do Movimento
dos Agentes Agroflorestais
Indígenas do Acre**
e a
**Organização dos Professores
Indígenas do Acre**
convida para a Exposição

ARTE INDÍGENA

ESCULTURAS E DESENHOS

ABERTURA dia **28.04**, terça, às **18h**

Salão de Exposições da
Biblioteca da Floresta

Este evento compõe
a programação do
ABRIL NO ACRE INDÍGENA 6ª Edição

Informações: (68) 9975-2325 | cpiac@cpiac.org.br

Apoio
Fundação de Cultura e
Comunicação Elias Mansour

A exposição ficará em cartaz de
28.04 a 30.06, das 9h às 21h

Ficha Técnica



ARTE INDÍGENA
ESCULTURAS E DESENHOS

Ficha Técnica

Exposição

Arte Indígena: Esculturas e Desenhos

Autoria

Adelson Biló Durico Kaxinawá, Antonio Domingos Kaxinawá, Antonio Gilberto Yawanawá, Damião Lima de Melo, Edivaldo Mateus Kaxinawá, Erivaldo Sergio, Francisco Domingos Kaxinawá, Gilcélio Kaxinawá da Silva, Irineu Sales Raxinawa, Ivanildo Paulino Kaxinawá, Janison Bayakony Shauandawa Varela, José Luis Henrique Macerno Kaxinawá, José Marcondes Rosa, José Salustiano Nogueira Ramos, Julião Brasil Manchineri, Lucas Azevedo do Nascimento, Luzivaldo Alfredo Melo Kaxinawa, Matxerenke Chomay Ashaninka, Raimundo Mateus Martins, Kajpi Monteza Augusto Manchineri, Rosildo Barbosa Melo Kaxinawá, José Valdecir da Silva Piyáko, Vergílio Tui Sereno Feitosa Hunikui.

Concepção

Bab Franca | Vera Olinda

Desenho

Josias Pereira Kaxinawá | Ayani Mateus Kaxinawá | Adriano P. Carlos Kaxinawá | Arinilson Arara | Jorge Kaxinawá | Jaime Manchineri

Fotografia

Renato Antonio Gavazzi

Monitoria de Artes e Ofícios

Antonio Feitosa de Souza

Projeto Gráfico

Selene Fortini

Produção Executiva

Libia Luiza dos Santos de Almeida

28 de abril a 30 de junho de 2015 | Segunda a Sábado | 09:00 às 21:00 horas

Realização:



Apoio:



05



Conceito



ARTE INDÍGENA ESCULTURAS E DESENHOS

A exposição "Arte Indígena - esculturas e desenhos" mostra de forma muito particular os trabalhos dos Agentes Agroflorestais Indígenas realizados em cursos e oficinas de formação em gestão territorial e ambiental no Centro de Formação dos Povos da Floresta da Comissão Pró Índio do Acre. São esculturas em madeira e desenhos que dialogam com mitos indígenas, quase sempre seres encantados que regem o uso e o manejo de determinados recursos naturais. São várias as entidades míticas que habitam e cuidam da floresta.

Os Agentes Agroflorestais Indígenas discutem formas de uso dos recursos naturais e o conceito de reutilização de madeiras desperdiçadas nas cidades ou nas aldeias.

É uma interpretação artística em que mantém, reavivadas, formas próprias de expressões e manifestações culturais. Pelo uso criativo e crítico da linguagem artística os autores interpretam animais e seres mitológicos relevantes para seus povos, mas também para eles como indivíduos em formação, dimensionando a importância da arte para a educação. Com isso, os Agentes Agroflorestais Indígenas ao tempo em que aprendem um novo ofício, manuseando materiais como machadinho, formão, lixadeira, pincéis, tintas e tecidos, criam, interpretam, materializam ideias e se comunicam.

As esculturas, os desenhos e pinturas aqui apresentadas marcam o grafismo contemporâneo, revelando concepções de mundo. São expressões indígenas, espontâneas e informais, que registram com beleza e vitalidade outros olhares sobre as artes plásticas.

OS ARTISTAS DA FLORESTA ACREANA SÃO BRINDAM COM MUITO TALENTO, CRIATIVIDADE E ANIMA FORÇA DE EXPRESSÃO. ATRAVÉS DE SUAS OBRAS REVELAM O PODER NATURAL DE EXPRESSAR A ESSENCIA VERDADEIRA DAS CULTURAS DESTES POVOS ALIADOS. A FORÇA DOS MITOS E DE SUAS TRADIÇÕES, A RESISTÊNCIA DOS POVOS QUE HÁ MILÊNIO TÊMEM JUNTOS COM OS SERES ENCHANTADOS E ANIMAIS, VIM HABITAR EM PERFETA HARMONIA COM A ENGENHARIA NATURAL DA VIDA QUE SE RECONSTRUI ATRAVÉS DE OBRAS TRABALHAR COM ESTES ARTISTAS EM ABERTO ENGAGEMENTO PARA AÍM.

BAR FRANCA

Vera Olinda
Renato Gavazzi

Artigos

Jornal Página 20 – Coluna Papo de Índio (Mulheres Indígenas):

- ⊗ **As Tintas Naturais do Povo Asheninka**
- ⊗ **A Importância das Pinturas Manxineru**
- ⊗ **A Culinária Shawãdawa**
- ⊗ **A Arte do Kenê das Mulheres Huni Kuĩ**

MULHERES INDÍGENAS

Assessoria de Comunicação da CPNAC

Os povos indígenas representam hoje no Brasil cerca de mais de 160 milhões de habitantes em uma sociedade humana e a floresta. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

É com a cultura de ancestralidade que os povos indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

Na quarta mulher do povo Arara, Shandara, Marlene e Heli Kikque são apresentadas como as mulheres indígenas que vivem suas experiências, práticas e algumas aplicações do sistema feminino indígena, em uma forte conexão entre saberes e culturas.

AS MULHERES NATIVAS DO POVO ARARA

Assessoria de Comunicação da CPNAC



de contato com a sociedade não indígena para conseguir manter-se em sua terra. Muitas das mulheres indígenas, especialmente as que vivem em áreas de contato com a sociedade não indígena, enfrentam dificuldades para manter suas tradições e culturas vivas. Muitas das mulheres indígenas, especialmente as que vivem em áreas de contato com a sociedade não indígena, enfrentam dificuldades para manter suas tradições e culturas vivas.

AS MULHERES NATIVAS
O ano de 15 povos indígenas representa a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

As mulheres indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

das mulheres indígenas, especialmente as que vivem em áreas de contato com a sociedade não indígena, enfrentam dificuldades para manter suas tradições e culturas vivas. Muitas das mulheres indígenas, especialmente as que vivem em áreas de contato com a sociedade não indígena, enfrentam dificuldades para manter suas tradições e culturas vivas.

As mulheres indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

As mulheres indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

As mulheres indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

As mulheres indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

As mulheres indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

O projeto das mulheres indígenas representa a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

As mulheres indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

As mulheres indígenas representam a riqueza do Brasil. A manutenção das culturas indígenas povos é o que garante sua identidade cultural, as florestas e a biodiversidade preservadas e com a busca da diversidade sustentável do nosso país. No ano de 15 povos indígenas, mais pessoas de nós, são responsáveis por atividades culturais e artesanais.

A CULINÁRIA SHAWĀDAWA

Francisca Oliveira Lima Assis *

Apresento uma parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso com o objetivo de divulgar a culinária do meu povo Shawādawa. Estudante da Universidade Federal do Acre – Campus Floresta em Cruzeiro do Sul, com a orientação da Professora Márcia Garcia, mas minha pesquisa considero as experiências e trabalhos realizados na minha formação antes mesmo de ingressar na universidade, minha trajetória como professora e pesquisadora, e também como participante do movimento indígena. Criei o meu livro no magistério indígena pela Comissão Pró-Índio de Acre (CPI-AI) no Centro de Formação dos Povos da Floresta. Essa formação era realizada de forma presencial e não presencial, e era feita contemplando os diários do aluno, os relatórios de estudos obrigatórios, além do desenvolvimento da pesquisa nas aldeias junto aos nossos povos. Pesquiso para meu trabalho UFAC.

A pesquisa “A Culinária Shawādawa Associada aos Sistemas Produtivos e ao Modelo dos Recursos” deu continuidade a uma pesquisa já iniciada com a publicação de um livro “Histórias do Povo Anari” que foi organizado por mim e publicado em 2007, quando eu fui a Magistério Indígena na CPI-AC. Com a pesquisa foi possível aprofundar sobre a alimentação “tradicional” frente às preocupações associadas a doenças pela comunidade, em especial pelo grupo de mulheres shawādawa, sobre a alimentação e os sistemas produtivos, e organização da produção e coleta/armazenamento de alimentos.

Durante a pesquisa participei de aulas, oficinas, entrevistas e reuniões com as mulheres e fui registrada em diário



notas e conversei com as famílias nas aldeias. O tema principal “A alimentação, e a forma de se alimentar antigamente”, está em parceria com a contadora de contas se dá a divisão dos alimentos, como papaitarim e como curianos. Foram realizadas visitas e observação dos quintais, roçados e demais áreas do espaço de onde vêm os alimentos, acompanhados pelas responsáveis pela produção e cultivo de alimentos.

Também envolvi os estudantes e os professores da Escola Indígena Anari, tentando para a descentralização e reflexão, através de atividades práticas de estudo da realidade ligada à produção, obtenção e preparo de alimentos na aldeia.

Esses trabalhos em um caderno de receitas e a descrição de dietas que foram criadas pelas mulheres shawādawa durante as entrevistas e as oficinas que ocorreram nas aldeias de minha terra indígena. Os alimentos cozidos, os pratos dominantes muito bons, mas o preparo na parte cultural (cozinhadas, por exemplo) as jovens têm dificuldade em preparar, mas gostam desses alimentos que são preparados pelas suas mães e avós – são pratos que as mulheres mais velhas sabem fazer. Foi isso, a pesquisa aproxima as gerações e está reconstruindo a alimentação tradicional shawādawa, que é muito mais

nutritiva para a comunidade. Assim como se dá nos taboas.

As receitas, mais apreciadas pelo povo Shawādawa são as variações de curiama, que é uma bebida muito apreciada pelos povos indígenas no Acre, entre os quais está o povo shawādawa. Tais os membros da família costumam nas festas tradicionais, nas festas de roçados e no dia a dia são preparadas de diferentes formas pelas mulheres, dependendo das ingredientes de época que estejam disponíveis, de tempo de cada um. Como não dá para descrever a receita, vou somente falar as variedades de curiama:

BUCHADA DE MÃO
Lida – Mariazinha Mascada
Marta Botas – Colônia de Manaus

Mingau (Curiama) de banana moída crua

Yaté de banana cozida ralada e moída com curiama
Xibí Mandi – curiama de milho misturada com banana

Durante a pesquisa as mulheres contam algumas práticas, que incluem a coleta do meu povo, como o tempo com o roçado, que coincide no arroz regional e milho de terra e tor cabelo branco.

Preparar a culinária tradicional também colabora para discutir a sustentabilidade das comunidades, sobrenutrição alimentar, saúde, encontro de gerações e organização das mulheres. Para finalizar segue algumas dicas da Culinária Shawādawa.

PRÁTICA DE COZINHAR MANDOCIN

Yaté vai até o roçado e pega a mandioca e coqueba para cozer com a curiama. A mandioca tem que ser crua, desmanca no roçado mesmo, pega as pedações do maniva e, abagando em casa, lava e frita

em o fundo de camburão (pote de cerâmica) para a mandioca não tomar as águas, com a coqueba e fica bem fofinha e está no ponto de cozer com curiama cozida em moqueada por um tempo no cozido. Fritar essa técnica já não acontece mais, a mandioca é cozida de outro jeito na panela dos banhos, mas mesmo assim, ainda fica pégo porque moquear para não molhar a mandioca.

BUCHADA DE MÃO

Iniciada de manhã quando está quente e frio pega o buchó leve para uma sacola de pano pega a carne e faz com moída uma colada de caça e mistura com pinacota, cheiro verde e vai molhando a buchada, frita e coloca água já para ir fervendo e coloca o buchó lá dentro. Com uma hora fervendo está cozido com uma leguminosa e com quatro horas está boa para comer.

PREPARO DA ORDELA DE PÃO

Para fazer a Ordele de pão, vai à floresta pegar o que está chegando em casa leve, já tem a farinha de mandioca de mata. Chegando em casa a farinha, frita o “kara”, lava no fogo e lava uma hora para cozer, depois de isso de você misturar com sal a gente e cozer com curiama com mandioca e pinacota.

Existem outros pratos ricos em nutrientes e que são muito

apreciados pelos Anari são os tipos de pinacota que são feitos das palmeiras, vejamos:

TIPO DE PINACOTA DE COCAÇÃO – TIPO DE PALMEIRA

Pinacota do cozido você pega o coco desmanca ele e mata para que ser cozido no leite de leite porque um outro modo de fazer amarelo, frita você pega o coco coado de leite para a ponta e desmanca e mata em fogo até ficar a massa e você pega uma folha verde de pinacota coze cozido e amarelo e lava no fogo até cozer e come junto com o feijão do coco.

TIPO DE PINACOTA DE COCAÇÃO – TIPO DE PALMEIRA

Bolo de massa de coco, você pega o cozido desmanca e mata para que se misture a massa com a massa de banana cozida e depois isso que não faz pó de molhar e come normalmente.

TIPO DE PINACOTA DE COCAÇÃO – TIPO DE PALMEIRA

Pinacota de urucum, você pega o urucum cozido e mata para que se misture a massa e enquanto está ralando porque que não cozinha porque o urucum leva a massa e quando já está cozido é quem está ralando e mistura com a massa de milho cozido com pinacota de coco e o kama poqueiro e isso por 30 minutos.



o Centro Pró-Índio de Acre em parceria com a Associação Indígena dos Povos Agriários do Acre
11
Exposição das Artes Indígenas do Acre
coordenada por Francisca Oliveira Lima Assis

ARTE INDÍGENA

ESCULTURAS E DESENHOS

ABERTURA dia 28.04, às 18h

Salão de Exposição da Biblioteca da Floresta

Associação Indígena dos Povos Agriários do Acre
www.pagopop.org.br

Participação Indígena e Intercâmbio Cultural

Exposição final em um dos dias 28.04, 29.04, 30.04 e 01.05

A ARTE DO KENE DAS MULHERES HUNI KUÏ - Kaxinawá

Escritora Bárbara Kaxinawa, Ocaia Mau

Quando fui convidada a participar dessa edição do "Papo de Índio," no qual a intenção desta não é ressaltar as mulheres indígenas, suas experiências, atitudes de escrita sobre sua cultura e vivências. Segue ressaltando o trabalho desse escritor e dessa artista brasileira. Logo depois a minha participação deveria ser apenas como uma editora do texto que falaria sobre a arte do Kene Kuï, trabalho exclusivo do universo feminino Huni Kuï. Isso e não um índio ou indígena, desde a infância dos desenhos em si, sua compreensão intelectualizada, realidade.

As mulheres huni kuï expressam sua sabedoria e o passado suas vivências em seu próprio trabalho, através de sua habilidade em tecer o kene. Esse é o domínio intelectual de mulheres de Huni Kuï, de uma maneira geral, não desmentem o português, mas se expressam com toda desenvoltura em sua língua materna. Com certeza, você sempre tentará a chamar de arte brasileira porque é uma manifestação de arte de origem e reconhecimento de uma artista brasileira Huni Kuï. A arte do Kene Kuï, que significa desenhos verticalizados, é uma delas.

Apresento aqui algumas informações de algumas falas de uma grande mestre do Kene Kuï, que quem disse, desenhos verticalizados, recolhidos durante minha investigação pela família e de minhas vivências com as mulheres de Huni Kuï.

Elagi Escrivão Sales, filha mais velha de Bárbara Sales, a primeira chefe do Huni Kuï de São Paulo. Uma grande mestra da arte Huni Kuï, responsável de um Kene Kuï que tem como base o original dos desenhos.



"O KENE KUÏ É MUITO IMPORTANTE PARA O MUNDO. É O KENE QUEM HUN KUÏ ENXERDE E O KENE QUEM HUN KUÏ ENXERDE É O KENE QUEM HUN KUÏ ENXERDE."

— Quem é o Yabe (Escritor)?
Fulgencio.

"A mulher é muito importante. Mas, eu vou contar um problema. Yabe é um Huni Kuï encantado em jibói. Ele vive um momento de dor e a grande dor. Eu sei que, que brava do próprio chão, archedo em sua, eu ignora. E onde a água tocar, ela se transformando tudo. Tudo que estava em sua vida Kene Kuï desenhada se transformando em jibói. De que tudo se tornou desenhos e que se no corpo de jibói."

"Nesse tempo de dor, eu Huni Kuï perderei todo. Desapareceram. Se uma mulher chama Nesti Feli, que conseguiu se salvar em casa de um tempo de Saramba. Eu Huni Kuï para conseguir, depois de passar o grande dor, fazer o povo de volta. Ela eu que e tudo mesmo poder e muita sabedoria. Foi ela quem trouxe para mim os desenhos, das figuras que os Huni Kuï podem fazer. As fotos, as fotografias de trabalho, as imagens de trabalho para fazer as roupas, de fotos, os desenhos. Tudo eu mesmo. Mas, eu acho que a arte que eu conheço, de desenhos, de cores."

DIANTE MUITO TEMPO, AS MULHERES HUNI KUÏ TECIAM SUAS ROUPAS SEM KENE.

Um dia, Saramba, uma jovem huni kuï, não apenas ligou no igrapé encontrou com uma mulher com jibói. Saramba ficou maravilhada, como encantada, quando as desenhos lindos que apareciam no corpo do corpo jibói.

A jibói perguntou a Saramba por que tanta admiração. Ela respondeu que estava admirada com os desenhos do seu corpo. E Saramba que gostava muito de poder fazer seus desenhos em sua roupa, e se seu corpo também. Yabe então respondeu a Saramba, mas com a condição de ser um segredo. Assim que Yabe parou,

teve, Saramba não podia contar com ninguém e ninguém.

Tudo a respeito era que Saramba não podia contar mais, pois Yabe não queria que ela se contasse com seu corpo e não com seu corpo. Ela não queria para que ninguém pudesse copiá-la. Saramba prometeu que não iria se contar, pois ela queria mesmo era aprender a Kene Kuï.

Saramba e Yabe tiveram vários encontros. A cada encontro ela aprendia um desenho diferente.

Tudo de alma comentei a ficar admirada com as técnicas dos desenhos de Saramba, como também, mais aprendi em saber quem estava passando para ela. Os desenhos ensinamentos.

Isso que chegou em Huni Kuï de seus ensinamentos, Yabe

seguiu a Saramba que era muito entre muito admirada e que estava planejando fazer.

Quando a hora de Saramba acabou de sua vida, ela não aprendeu. Como Yabe havia lhe pedido, recomendou as mulheres aprendidas que tudo seria feito segundo as regras de alma.

Alguns dias depois, quando Saramba era mais uma vez ao encontro de Yabe, um mundo seguiu sua vida em a Saramba que ela pôde ensinar a sua presença. Vendo seu trabalho, ela aprendeu com a Saramba para com sua vida, quando Saramba e Yabe. Ela os dias de Huni Kuï é tudo o que ela pôde ensinar, que uma pessoa possa de sua vida.



O desenho é um elemento muito importante na vida das pessoas. Ele ajuda a decorar para o corpo, no caso dos indígenas, não indicam valores importantes.

Tradicionalmente, o corpo e o rosto são pintados com pigmentos por meio de penas, quando há rituais, ou pelo simples prazer de se pintar.

Cada um tem seu pro-

prio modo de se pintar, mas em sua cultura, todos pintados com pigmentos, o corpo humano. São pintadas de proteção contra doenças infecciosas.

Nas primeiras pesquisas, tradicionalmente, os indígenas e mulheres também se pintam uma parte do rosto. Os indígenas pintam todo o rosto.

As pessoas que não sabem pintar são as

mulheres, principalmente as mais jovens.

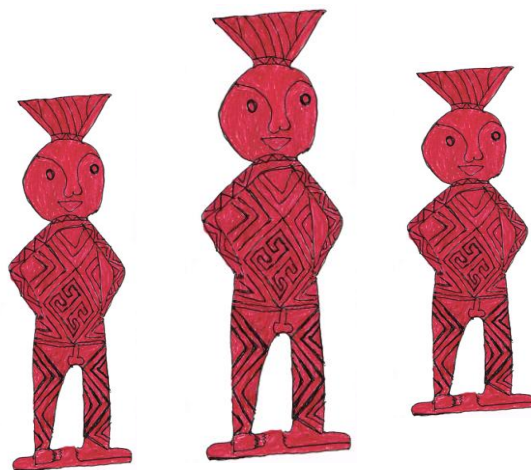
O Kene Kuï também tem uma variedade de motivos, sendo ligados a natureza, com suas respectivas cores. Os motivos desenhos usados na pintura corporal, são encontrados na natureza, na floresta e no corpo.

Assim, o Kene Kuï sempre tem lugar especial na cultura de Huni Kuï.



Seminário

O Centro de Formação Povos da Floresta sediou entre os dias 29 e 30 de abril, mais uma edição da Reunião de Articulação Política. Realizada pela Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAIAC) e pela Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC), com o apoio da Comissão Pró-Índio do Acre, a reunião contou com a participação de 56 lideranças de 09 povos indígenas de 17 terras indígenas do Acre. Com um caráter formativo, o Seminário de Políticas Públicas acontecem desde 1997. Entre seus resultados, temos a criação da OPIAC e da AMAAIAC. As reuniões têm o objetivo de analisar e discutir as ações e políticas de governo que incidem sobre os povos indígenas, buscando garantir a participação dos indígenas nas políticas públicas. Desde 2011, foram realizados 10 encontros com a finalidade no direito à consulta. Nesta última reunião, diferente das anteriores, não foi formulado um documento público com as recomendações para os governos. Mas está sendo elaborado um relatório pela OPIAC e AMAAIAC sobre as discussões e encaminhamentos do encontro, que trataram de três temas centrais: fortalecimento da gestão das associações indígenas, socialização das informações sobre os projetos dos governos para as terras indígenas e educação indígena.



Fotografias

⊕ Exposição Arte Indígena: Esculturas e Desenhos - Foto: Líbia Almeida/CPI-AC



⊕ Exposição Arte Indígena: Esculturas e Desenhos - Foto: Leandra/Biblioteca da Floresta-FEM



⊕ Lançamento do Manual das Crianças Huni Kuĩ - Foto: Fernanda Sindlinger/Instituto Catitu



13
≈

⊕ Seminário de Políticas Públicas - Foto: Malu Ochoa/CPI-AC

